



O QUE O SER “HUMANO” É CAPAZ

Eram crianças jogando futebol em um campo improvisado de terra batida no meio da rua, a bola era velha e furada, a trave seus próprios chinelos, as linhas que limitavam o campo... imaginárias, sem árbitro, com suas próprias regras, o que importava era a diversão os amigos a bola... Ali se reuniam quase todos os dias, despreziosos e sem malícias ou maldades brincavam até o anoitecer, pois sabiam que logo se acenderia a luz dos postes, mas para aqueles meninos eram refletores que os transportavam para o Maracanã em dia de final de campeonato, imaginário é verdade, mas isso não era importante, importante era fazer um gol, e sair correndo com os braços abertos gritando seu feito e abraçar os companheiros.

O jogo se passava em ritmo frenético, não consigo imaginar onde aqueles meninos encontravam tanta energia, correr com os pés descalços naquele chão batido por horas e não se cansar, era incrível, os pés estavam tão acostumados, que disfarçados na sujeira da terra vermelha impregnada nos pés pareciam calçar chuteiras, afinal era o sonho de todos aqueles meninos, calçar chuteiras, camisa com número nas costas igual ao que vira na televisão, jogar em campo com grama bem verdinha com traves de verdade, ah... A bola, essa deveria ser novinha bem cheia para que pudesse pingar no chão, assim daria mais emoção ao jogo.

Com o passar do tempo já não reconheciam aqueles meninos, que com o corre-corre frenético dos pés descalços pelo campo de chão batido, levantava uma nuvem de poeira, encobrendo seus pequeninos corpos, empoeirados dando-lhes uma cor marrom, cor de terra, sem importar com detalhes prosseguiam, já se perdera na conta de quantos gols fizera, mas não se importava com isso o importante era sonhar de ser Pelé, e continuar brincando, correndo, driblando o adversário e chutando a bola pro gol.

Nem percebera que já estava escurecendo, a Lua começa mostrar sua imponência rompendo a noite, era lua cheia e parecia imitar o Sol com imponente luz, iluminando a noite que vinha, as estrelas mais atrevidas já se mostravam emanando brilho intenso, o céu era limpo sem nuvens, tudo perfeito, afinal fora criado por Deus.

Nunca poderia imaginar que num entardecer tão perfeito como aquele pudesse terminar de forma tão sombria, com gritos horríveis que causava arrepios e medo. Deu para reconhecer, era voz de mulher, desesperada implorando socorro e ajuda, e seguidos pedidos... “Não me mate... Não me mate, por favor, eu te imploro... Estou grávida... Esperando um bebe...”.

Quando os garotos se voltaram em direção aos gritos que vinham da esquina a direita onde jogavam bola e que dava de frente a uma pequena igreja de madeira já bem antiga, presenciaram aquela horrível cena e ouviram as frases que certamente ficaram impregnadas para sempre em suas memória. É de fato impactante, horrível e desprezível ver o pior dos instintos humanos em ação, que o torna animal, animal não, animal é irracional mata para sobreviver, o torna humano e racional esse sim capaz das mais ínfimas atrocidades contra seu semelhante, deixando cada vez mais triste seu criador com a falta de limites para suas transgressões.

Seguiam os gritos e pedidos de “socorro, pare, não me mate”, mas aqueles meninos eram incapazes de se mover diante de tanta brutalidade, seus corpos pequeninos paralisaram pregando-se ao chão incapazes de se mover, e assim viram que a voz



desesperada era de uma jovem com cabelos longos e negros, que a julgar pelo tamanho da barriga aparentava estar grávida a pelo menos uns quatro meses, em tentativa desesperada e inútil para livrar-se de um homem alto e de magreza destacada com barba por fazer, que mantinha a jovem preza junto ao seu corpo e de costas para seu rosto por um dos braços em uma espécie de gravata por volta do pescoço, que pareciam garras de um animal feroz e faminto ao aprisionar sua caça, impedindo-a de escapar, e na outra mão um punhal, e com ferocidade mórbida de um ser desprezível e sem a mínima compaixão golpeava incessantemente o corpo desprotegido daquela jovem que insistia em espernear e sacudir o corpo na tentativa inútil de livrar-se de seu fim iminente, seus gritos por socorro já não eram tão intensos e fortes, e por mais que a jovem tentasse escapar não conseguiria, suas forças já se esvaíam junto com o sangue que escorria de seu frágil corpo pelas frestas causadas pela lâmina impiedosa de seu agressor, seus gemidos implorando por sua vida e do filho que estava gerando em seu ventre, eram lançados no vazio, nem a fragilidade da voz debilitada por tanta dor e angústia comovia o agressor, que sem a menor demonstração de piedade continuava sua insana agressão desferindo golpes e mais golpes contra o débil corpo da jovem, quando percebeu que a jovem não provinha de chances de sobreviver soltou o braço que prendia seu pescoço, e com o punhal nas mãos e cheio de sangue saiu em fuga pela rua que passava em frente à velha igreja, que fora testemunha da insana atitude.

Livre das garras da impiedade a jovem segurava com uma das mãos a barriga como que tentasse afagar o filho que estava em seu ventre banhado de sangue e a outra para cima na tentativa de sinalizar para alguém, e quase sem vida deu alguns passos e com suas últimas forças conseguiu murmurar..."Me ajudem... Meu filho", e caiu de bruços, mexendo-se por mais alguns segundos, até que não se percebia mais nenhum movimento ou barulho.

No breve momento de silêncio que sucedeu, os meninos que á pouco brincavam e riam alegres tiveram a sensação de ver o tempo parado e o mundo a sua volta girar como em um carrossel, num vazio caliginoso, sem chão, e as mentes pareciam desligadas, o silêncio era apavorante e os meninos entenderam bem o que tinha acontecido, e sabiam que jamais esqueceriam aquela cena.

Com toda a gritaria surgiram curiosos tardios de todos os lados, como abutres em cima de carniça, querendo saber as causas do ocorrido, que a esta altura já não se fazia à mínima importância. A jovem que carregava vida em seu cerne não a provinha mais. Seu agressor fugira sabe Deus para onde.

Encorajados pela grande movimentação, deixarão a curiosidade vencer o medo e aproximaram-se, aproveitando da pouca estatura para esgueirar-se por entre os curiosos e achegarem mais perto onde pudessem ver melhor. E tiveram a triste constatação, que o mesmo chão que á pouco servia de inspiração para grandes sonhos, perdera a magia e o sentido ao ver que este mesmo chão que os permitiam sonhar estava tingido pelo pesadelo do sangue das vidas perdidas.

Uma tristeza profunda tomou a alma daqueles pequenos ao perceber tão prematuramente a capacidade desastrosa que o ser humano tem de destruir a vida, os sonhos, a inocência, como o acabara de fazê-lo interrompendo duas vidas, uma que nem ao menos teve a chance de respirar.